



O TEXTEIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTEL

A Situação EM ALGUMAS EMPRESAS

Na fabrica da Sr.ª da Hora (Mateinhos) o tufarço da Têxtil, Manuel Pinto de Azevedo, o coberto da sua apereçada «Bondade» e «Benevolência», explora sem piedade cerca de 2 mil operárias e operários.

Dia e noite, em duro trabalho de empilhada, o pessoal da Sr.ª da Hora amonha lucros sobre lucros para Pinto de Azevedo. E quais são os seus salários? Compensam a produtividade que lhe é exigida, o esforço dos seus operários e operárias que se esfoliam a trabalhar com 14, 6 e até 30 tempos? Não. Muito longe disto. Quase todo o pessoal trabalha de empilhada para ver se, à custa de mil esforços, consegue passar além dos salários mínimos.

Sobre o mísero salário assim arrebastado caem, com espantosa frequência, pestidas multas, que agora aparecem sob a forma de descontos, a pretexto de defeitos na obra, dos quais os operários e operárias não têm culpa. E porquê os descontos em vez de multas? Para que todo esse dinheiro roubado ao suor de trabalhadores vindicadamente abarrotar ainda mais os cofres do patrão, sem ter que ir uma parte para a Caixa de Previdência?

E as horas extraordinárias como são pagas? Sómente a 25 por cento!

Com uma tal exploração não admira que o sr. Pinto de Azevedo faça obras espaventosas, não admira que promova iniciativas demagógicas, no sentido de neutralizar o descontentamento dos operários e operárias para mais facilmente os explorar.

Companheiros da Sr.ª da Hora! Os descontos que o patrão vos faz não são justos. Vós saberis encontrar formas de lutar que o obriguem a recurr ánt de acatar de vez com essas formas de exploração, lutando ao mesmo tempo por um salário que corresponda ao elevado custo de vida e pelo pagamento das horas extraordinárias a, pelo menos, 50 por cento.

EXPLORAÇÃO EM TORTOSENDO

Os patrões das tecelagens de Tortosendo não só não pagam as horas em que os operários estão inactivos por avaria de máquinas ou falta de obra, como seria justo, mas ainda se recusam a pagar quando os trabalhadores realizam outras tarefas (montagens, fustagens, etc.).

Operários de Tortosendo! Esta redobrada exploração pode e deve acabar. Nada de reclamações individuais, como até aqui — inútil e formal em cada empresa uma comissão que vá junto dos patrões e do Sindicato expõe o vosso desejo de ganhar a justa quando a empilhada seja impedida por avaria ou falta de obra.

OS OPERÁRIOS DA VARANDAS - MOSTRAM O CAMINHO

Como em muitas outras empresas da classe, os operários e operárias da «Varandas», de Lisboa, foram ameaçados de despedimento. Contudo, quando os despedimentos iam começar, os operários e operárias da fábrica concentraram-se em massa no Sindicato e levaram a Direcção deste a interessar-se, conseguindo que os despedimentos fossem suspensos.

O exemplo das valentes operárias e operários da «Varandas» terá que ser seguido por toda a classe têxtil para lutar contra a crise e evitar o desemprego, a miséria e a fome.

Os Operários Têxteis Perante as Eleições à Presidencia da República

Companheiros e companheiras! Respondendo a várias perguntas de companheiros nossos que se nos têm dirigido a perguntar qual deve ser a nossa attitude perante a próxima eleição do Presidente da Republica, nos vamos responder dentro daquilo que julgamos corresponder aos interesses de todos os trabalhadores da Têxtil. Como é sabido de todos a situação de crise que a classe atravessa é das mais graves que temos vivido, e o mais grave ainda é que não se eschergam quaisquer medidas dos governantes que nos dêem a esperança que os milhares de companheiros sem trabalho voltam a ter-lo em breve, ou que os milhares que estão em regime reduzido de trabalho voltem a ter os 6 dias tão necessários para fazer face ao elevado custo de vida que não para de crescer, como se está a ver com o inconcebível aumento do custo do vinho, das batatas, etc..

Em relação áqueles que estão a trabalhar os 6 dias, também a situação nunca foi tão má como agora, pois os patrões valendo-se da crise exploram até mais não os trabalhadores, quer aumentando o número de teares por operário, quer diminuindo o preço da obra.

As mesmas coisas os industriais fornecem cada vez pior matéria prima aos operários para eles trabalharem mas querem que eles produzam tecidos de primeira qualidade e como isto não pode ser, fazem cair uma chuva de multas em cima dos operários acontecendo que muitos deles mal ganham para pagar as multas ao patrão!

As perspectivas que estão á vista não são pois nada animadoras, antes pelo contrario, são cada vez mais as fábricas em vias de encerrar as suas portas porque têm as armazéns a abarrotar de tecidos enquanto o nosso povo cada vez tem mais dificuldades em se vestir, calçar e alimentar.

Porque chegámos a esta situação de tão grande miséria? Porque ao governo e grandes monopolistas pouco interessa o bem estar dos trabalhadores.

Isto quer dizer que enquanto este governo estiver no poder os operários portugueses e portanto também os têxteis, difficilmente terão uma vida muito diferente da actual.

Perante esta desgraçada situação cada vez mais se nos impõe, além de lutar pela reabertura das fabricas fechadas, pelos 6 dias de trabalho para todos, pela redução do número de teares, contra a applicação de multas, contra a redução dos preços na fabricação dos tecidos e por aumento de salários, devemos agora também dar a nossa participação no luta pela eleição de um Presidente Democrata, que garanta aos trabalhadores um aumento geral nos salários, trabalho para todos, abertura de nego-

ciações com todos os países para escuar os stocks existentes nas fabricas e armazéns e ainda as liberdades sindicais e uma melhor assistência.

Sendo estas as reivindicações fundamentais de todos os trabalhadores a elles cabe a tarefa mais importante na luta actual do chamado da Oposição Dr. Arlindo Vicente, pois são elles os mais interessados nella. A nós, operários têxteis, como uma das classes mais numerosas do país e também das que se encontra em pior situação, cabe também dar a nossa valiosa ajuda nesta luta juntandonos a todos os que combatem pela democracia, levando-lhes o nosso apoio e formando desde já comissões eleitorais por empresa ou localidade que eschavem todos os companheiros e demais trabalhadores da necessidade de aproveitar o período eleitoral para lutar nos pelas nossas reivindicações mais sentidas, esta é a melhor ajuda que podemos dar á eleição dum candidato democrata.

Devemos ao mesmo tempo estar preparados para desmascarar as manobras dos ministros que nessa altura não desaxam de nos vir fazer mais umas tantas promessas para nos enganar como é seu costume; é preciso não nos esquecermos que há cerca de 2 anos o sr. Ministro das Corporações veio ao Norte prometter remédios para solucionar a crise somente para nos enganar, quebrar a nossa luta e nos deixar á espera desses remédios que nunca mais pensou, ou pensa applicar, a nossa experiência mostra-nos que não podemos confiar áqueles que nos querem matar á fome.

Companheiros e companheiras! A criação imediata de comissões eleitorais de apoio á candidatura do Dr. Arlindo Vicente, na nossa classe, pode ter uma importância decisiva para conseguirmos modificar a situação de miséria em que nos encontramos, esperamos portanto que cada têxtil dê a sua contribuição nesta tarefa popularizando também ao máximo o nome do candidato da Oposição Dr. Arlindo Vicente, escrevendo o seu nome pelas paredes, fazendo cartazes, esclarecendo as pessoas simples de quem é o Dr. Arlindo Vicente e o que pretende dar ao povo.

Adiante, pois, na luta pelas nossas reivindicações e pela formação de comissões eleitorais de apoio ao Dr. Arlindo Vicente.

Adiante pela unidade de todos os trabalhadores, independentemente das suas ideias politicas ou crenças religiosas, pois nas difficuldades e sofrimentos atingem todos!

Adiante pela unidade de todos os portugueses honrados que de qualquer maneira desejam lutar contra o actual regime, principal inimigo dos trabalhadores!

A VOZ DOS LEITORES

APELO DE UM TÊXTEL DA REGIÃO DE VILA DO CONDE

Nas fábricas Valfar, Mindelo e Rio Ave, continuam a acontecer-se desmanchos costigos, assim, é tudo a semana que não sofrem multas e castigos todos eles na sua totalidade de injustas, ou por defectos da própria peça, ou da própria máquina, ou ainda por vezes acontece saltarem plágios de óleo essas peças, sendo as operárias prontamente chamadas à atenção com palavras injerentes, não tendo elas qualquer culpa destes casos acontecidos.

Sobres as multas só numa semana de Novembro de 1957 na Fábrica Rio Ave, 17 operárias foram multadas num total de 680\$20, noutra em 24-58, 6 operárias em 105\$60, etc., etc.

Parante a indignação das operárias por acharem essas multas injustas, têm chamado os encarregados para verificarem ao pé das máquinas onde está o mal. Tem sido reconhecido perante os chefes essa justificação, mas apesar disso ser verdade não deixam de as castigar, ainda com outra agravante, alguns operários são mandados para outros serviços piores.

No horário de trabalho, o pessoal está dividido mais ou menos em dois turnos, fazemos 9 horas por dia, trabalhamos com 4 turnos, na hora que fazemos a mais é dividida pelo salário que ganhamos nos 8 horas, isto porque a maioria está em regime de tarefa, nas 54 horas que fazemos por semana, tiramos uma média de 15000, sendo por média de 2800 por hora; confrontando com o ordenado mínimo que é de 2830 durante as 8 horas, dá a razão de 3600 nas 9 horas caso trabalhássemos de jornada taxa 27350.

Nota-se portanto que estando nós em regime de tarefa ganhamos menos se estivermos de base.

Assim a lei manda que as operárias em regime de tarefa tenham 20 por cento pelo esforço de trabalho. Mas não, isto atingimos em regime de tarefa a jornal mínimo, que se pague ao operário o restante, não só isto não se cumpre, como também aqueles operários e operárias que fazem as 9 horas de jornada, que também é um número grande, não estão a receber os 50 por cento como manda a lei.

Companheiros têxteis do Rio Ave, Mindelo e Valfar!

Todos nós quando falamos uns com os outros nos queixamos dos roubos que nos fazem, todos nós estamos de acordo que isto deve acabar, todos nós estamos de acordo quando falamos lá dentro nas empresas e ca fora, que não devemos consentir que nos multem; se quando falamos uns com os outros no geral o nosso descontentamento é igual, porque não levamos à prática aquilo em que estamos de acordo? Porque consentimos contra a nossa vontade essas injustiças? Quando há dias estivemos alguns operários juntos a queixarmo-nos do mesmo mal, o que o meu patrão faz, e o mal que faz o teu, quando dizemos que devemos acabar com esta escravidão, quando dizemos que devemos alcançar uma vida melhor para nós e filhos, porque não nos unimos, falando com outros companheiros e dentro de uma unidade exigimos que as multas acabem e que nos deem mais salário? Também tem sido dito que os patrões são uns ladrões, uns bandidos, mas o que vale isso, se nós continuamos a consentir nesses roubos descarados? Verdaderamente são eles os culpados, mas também nós, operários têxteis, temos culpa de estarmos nesta situação, temos que nos unir mais, unirmo-nos como um só homem, falando com as nossas colegas operárias, com as nossas mulheres, para não nos vendermos mais que nos multem e nos castigam. Quantas vezes nós operários temos ideias de receber uma jornal, já por si baixa, durante 54 horas por semana, num trabalho escravo, e recebemos outra? Outra com descontos impostos pelos nossos patrões por multas que não temos culpa?

Vários exemplos de luta nos têm dado outros colegas doutras partes, porque não seguimos estes exemplos? Continuamos a falar como temos falado uns com os outros nas nossas empresas, como também outras operárias de outras fábricas, e combinamos para nos unirmos para acabar com as multas e castigos e por melhores salários.

Fazendo isto, que é o opinião de todos nós, alcançaremos o que desejamos.

COMO SE ROUBA NA COMPANHIA DE FIAÇÃO E TECIDOS DO PORTO

Nesta empresa onde trabalham cerca de 500 operárias reina a exploração mais infame que é imposta sob a ameaça de despedimento. Esta exploração está a fazer-se principalmente pelo seguinte processo: as teceadoras estão ainda a trabalhar os 6 dias, mas apesar de serem obrigadas a trabalhar com mais horas e em alguns casos vez mais violentos, nem o nome se tem conseguido atingir o salário mínimo de 24500 diários, ou sejam 147800 semanais, como está estabelecido no Contrato Colectivo.

Os patrões e directores desta empresa para iludirem a fiscalização obrigam as operárias a consentir que nas folhas de férias não sejam registadas as 48 horas de trabalho que fazem, mas menos. Assim, segundo subnosce, ainda uma destas semanas a uma operária que trabalhou os 6 dias apenas lhe apontaram 27 horas, dado que a férias que tinha conseguido em toda a semana não ia além de 12000, fora os descontos.

Este infame processo de exploração não é novo nem exclusivo desta empresa, pois no que sabemos noutras se está a fazer o mesmo. Se houvesse uma fiscalização séria, tanto da parte do L.N.T. como do Sindicato, isto não acontecia, mas as pressões encarregadas dela vêem melhor as notas que os patrões lhes dão que a exploração que deviam reprimir.

Só a unidade e luta de todos os operários e operárias têxteis da Companhia de Fiação e Tecidos do Porto junto do patronato e do Sindicato pode pôr cobro a esta exploração. Se todos que têm sido explorados por esta forma se juntarem e apresentarem queixa no Tribunal de Trabalho podem obrigarem os patrões a restituí-los o que lhes têm roubado.

Companheiros da Companhia de Fiação e Tecidos do Porto, não deixeis que vos continuem a roubar por mais tempo! Unidas Venceréis.

A Crise Têxtil Em Gouveia

Os apelos da imprensa diária para que o governo tome medidas para resolver a crise Têxtil sucedem-se, depois de «O Século» e outros jornais se terem referido à gravidade da situação das empresas têxteis de Sacavém e Alcobaca prestes a encerrar totalmente as suas portas, deixando milhares de famílias na miséria, vem agora o «Jornal de Notícias» de 15-4-1958, repetindo-nos outras apelos feitos anteriormente, apelando a quem de direito para acudir à grave situação da indústria têxtil de Gouveia. Entre outras coisas este jornal diz: «há pontos aqui para cá, três fábricas fecharam. Lazes que se desorganizam; vidas para quem o espectro do desemprego é um pesadelo e todos pensam o mesmo — emigrar». Mas adiante pode ler-se: «O encerramento das fábricas, a limitação do trabalho de outros, perturbam o sistema económico da vila».

Como não podia deixar de ser, o fechar sucessivo das fábricas da principal indústria de Gouveia, atrai para a miséria centenas de famílias de operários e afecta todos que, duma maneira ou outra a dia estão ligados, por isso nesta terra se tem criado na maioria dos seus habitantes a ideia de ahalar para fugir à fome, só não emigrando os indivíduos e os que de todo em todo não conseguem dinheiro para a passagem e assim em Gouveia tem-se registado uma verdadeira debandada de homens e suas famílias que vão procurar nos outros países a que no seu lado é negado.

Operários e operárias têxteis! Povo de Gouveia! A vós compete lutar para que a situação na vossa terra melhor. Se todos vós alijados ideis em massa protestar junto das autoridades locais. Enviai abaixo assinados ao Ministro das Corporações de protesto contra esta situação.

Operários e operárias têxteis de Gouveia! Formai as vossas comissões de unidade e ide junto do Sindicato e do L.N.T. exigir que vos seja dado trabalho ou subsídio de desemprego.

Chamai à unidade os companheiros que ainda se encontram a trabalhar porque a crise também a eles afecta.

AMIGOS DE - O TÊXTEL -

Por falta de espaço não publicámos nos últimos números as quantias que nos têm sido enviadas pelos nossos leitores pelo que lhes pedimos desculpa.

Assim temos a acusar quantias entregues desde Outubro e que são:

Para o Têxtil	10500
" " " "	10500
" " " "	10500
Têxtil Progressivo	5800
" " " "	7850
Operário Têxtil	5800
" " " "	5800
Viva o «O Têxtil»	15000
" " " "	10800
Um grupo de têxteis	20500
" " " "	25800
" " " "	15800
	137550

Companheiro Têxtil

Auxilia financeiramente o nosso jornal.